

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלֵּפִיד

*...alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 854 — PORTO
(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

Visita Pastoral



Encontra-se no Porto o veneravel
Rabbi Baruch Ben-Jacob, digno
Professor de Teologia israelita de
Salonica, em visita pastoral, por
indicação do Comité Holandês
Pro-Maranos.

A Inglaterra e o Lar Nacional judaico

Ha 13 anos o Governo britânico prometeu aos nacionalistas judeus (Sionistas) favorecer o estabelecimento na Palestina do Lar Nacional Judaico.

Desde 1915 que os chefes sionistas, Weizmaun e Sokolov tinham conferencias com os governos aliados. O Governo francês mostrou-se favoravel mas não quiz tomar compromisso algum. Quando o Governo inglês, depois do cheque sofrido em Galipoli, preparou a campanha da Palestina para melhorar as condições do Canal de Suez, compreendeu o valor que o Sionismo possuia.

Então foi publicada a celebre Declaração Balfour, depois de estudada pela Inglaterra e Estados Unidos. Muitos judeus trabalharam activamente pela causa dos aliados.

Depois da guerra, em 1920, quando os diplomatas aliados se reuniram em San Remo para regular a sorte do Imperio Turco, a Declaração Balfour foi retomada e aceite ao mesmo tempo que o mandato sobre a Palestina era entregue á Grã Bretanha. Ela foi tambem incorporada na Carta do mandato palestiniano, aprovada pelo Conselho da Sociedade das Nações. Ela constitue hoje um acto de direito internacional.

No dia 20 de Outubro o Governo trabalhista britânico publicou um Livro Branco onde definiu a sua maneira de encarar o problema palestiniano sofismando os termos da Declaração Balfour em prejuizo dos judeus.

A publicação deste Livro Branco, a que os judeus chamam Livro Negro, causou enorme emoção. Os sionistas protestaram, e os judeus não-sionistas protestaram tambem. Os proprios ingleses, que tem em boa conta a honra britânica, quer liberais, quer conservadores, se levantaram vigorosamente contra tal politica do Governo trabalhista.

Em Cambridge, no dia 24 de Outubro passado o ex-chefe de Governo inglês Lloyd George, fez as seguintes declarações:

—Desejo aproveitar esta primeira ocasião que se me apresenta para me associar inteiramente ao protesto firmado por Baldwin, Chamberlain e Amery contra a declaração da politica sobre a Palestina publicada pelo Colonial Office.

Em certo momento da guerra estavamos anciosos por assegurar a simpatia da comunidade hebraica nos varios países do mundo pela causa dos aliados. A Declaração Balfour foi um gesto feito não somente em nosso nome, mas em nome dos aliados com o fim de procurar um forte apoio. A declaração foi preparada com muita consideração, não só da sua politica, mas tambem das palavras que devia conter pelos representantes de todos os países aliados e associados, incluindo a America e os nossos Dominios.

Ora, sem consultar os Estados Unidos, a França, a Belgica e os nossos Dominios o Governo inglês publicou esta declaração que é na sua substancia uma revogação duma boa parte de um compromisso solene tomado num momento muito solene.

Não reconciliaremos os arabes e afastaremos de nós uma raça ainda mais poderosa e o que ainda é peor a honra britânica será atingida.

Seremos considerados atravez o mundo como perfida Albion.

Posso compreender que se queira renunciar á Palestina e que se sustente tal politica, mas a maioria dos cidadãos deste país não são renunciarios nem na India, nem na Palestina e querem fazer frente ás responsabilidades e compromissos do Imperio em ambos os países. Espero vivamente que o Governo reconsiderará. Dificilmente posso pensar que o Governo tivesse considerado todos os aspectos do Problema.

Sou completamente favoravel a tratar as duas raças numa base de egualdade mas na politica adotada pelos aliados não está compreendida nenhuma injustiça para com os arabes.

Não se trata de expropriar os arabes, nenhum arabe foi ainda expropriado, mas sem duvida, os judeus não podem ser excluidos de colonisação da terra dos seus avós.

Não devemos esquecer que a gloria da Palestina é hebraica e que porisso esta raça tem um especial interesse em desen-

volver e restaurar a prosperidade duma terra onde outrora correra leite e mel.

Protestaram contra o Livro Branco o Ex-ministro das Colonias, Churchill, Baldwin, Chamberlain, Amery e o general Smutz da União Sul Africana.

Protestos e manifestações se realizaram em todas as nações onde ha grandes comunidades judaicas.

No dia 17 de Novembro foi o governo trabalhista atacado fortemente por Lloyd Georg, Amery, Herbert Samuel, James Rothnild, etc.

Poucos dias depois o Governo concedia de novo licença para emigrarem judeus para a Palestina e mostrou desejos de ter uma conferencia com os chefes do nacionalismo judaico a fim de estudarem uma formula de acordo.

Notavel conferência

SPINOSA

Ha tempos o «Seculo» publicava a seguinte noticia, referente a uma conferencia realizada no dia 26 de maio, em Lisboa:

« Constituiu uma brilhante lição de filosofia a conferencia, que o snr. dr. Joaquim de Carvalho fez, no Instituto Costa Cabral, discreteando sobre Spinosa.

A vida de Spinosa foi o comentário vivo da sua filosofia, e, mais do que isso a introdução necessária á sua filosofia por que o problema que se propôs não é puramente especulativo, mas sim um problema práctico, ético-religioso.

Nasceu Spinosa em 1633, filho de familia portuguesa, de judeus, em Amsterdam. Seu pai chamava-se Miguel Spinosa e era natural de Vidigueira; a mãe, Deborah de Spinosa, era tambem portuguesa, assim como a madrasta, Ester de Spinosa, de Lisboa, que o acompanhou desde a idade de cinco anos.

Depois destas notas inéditas sobre o grande filosofo, disse o snr. dr. Joaquim de Carvalho que em toda a sua obra não ha um unico eco de Portugal. Apesar

do meio familiar em que vivia, apesar da escola em que estudou Talmud Tora a lingua portuguesa, não ha nele o mais pequeno eco português.

Aos 18 anos fez a sua formação rabínica, a sua preparação para o rabinato, mas a curiosidade insaciavel do seu espirito levou-o a procurar saber a filosofia e as sciencias do seu tempo.

Van den Ende ensinou-lhe o latim, e com o dominio desta lingua aprendeu Spinosa a matematica, a fisica e a filosofia cartesiana, cuja influencia na sistematização das suas idéas foi decisiva.

Afastos-se, depois da sinagoga, criticou a Biblia e encontrou nela contradicções, tendo contacto com os meios cristãos que reduziam ao minimo as formas dogmaticas, convertendo a religião numa atitude puramente interior.

Vem depois a sua excomunhão menor pelos israelitas e é excluido, em seguida, da comunidade, por 30 dias, após o que é tambem excluido totalmente e amaldiçoado sendo todo e qualquer judeu proibido de todo o com elle. Só, isolado, sem apoio material nem moral, exposto a todas as hostilidades, procurou por si proprio a lei e a finalidade suprema da sua vida.

Expõe o notavel conferente os caracteres do panteismo de Spinosa, salientando o acôrdo com a sciencia cartesiana, afirmando que se trata de uma concepção que não identifica Deus com os objectos que nos circundam, mas com o que na natureza é estruturalmente intilgível.

Referindo-se aos caracteres da natureza humana segundo Spinosa afirma que a sua filosofia repudiou inteiramente a idéa do livre arbitrio.

A filosofia de Spinosa é uma filosofia que pretende libertar-nos do Imperio das paixões, porém, sem sombra de ascetismo, e o homem livre, para Spinosa, é o homem que apetece a alegria na plena posse de si e que, em vez de pensar na morte, pensa na vida presente, na medida em que ela tem o seu fundamento em Deus, isto é, na vida eterna.

Depois de algumas considerações sobre a imortalidade, a eternidade e o amor intelectual de Deus, o snr. profesor dr. Joaquim de Carvalho concluiu a sua bri-

lhante conferência, dizendo que a filosofia de Spinoza estabelece metalisicamente que não é pela vitória das paixões que alcançamos a beatitude, mas, pelo contrário, porque conquistamos a beatitude, porque consideramos todas as coisas «sub specie aeternitatis», que triunfamos das paixões».

Este distinto professor da Universidade de Coimbra publicava a pouco um notavel trabalho, onde explana e documenta o assunto da sua conferência, trabalho este que intitulou «Sobre o lugar de origem dos antepassados dos Baruch de Espinosa».

A Revolução contra a Roma Imperial nos anos 65 a 70 da Era vulgar

Continuação do n.º 34

Na primavera do ano 65, a Revolução, dirigida contra os Romanos, rebentou em Jerusalem com toda a sua gravidade. Os chefes do movimento eram jovens sacerdotes e levitas; pertenciam pois á classe superior.

Um dos principais era Eleazar, filho do grande sacerdote Ananias.

Os revolucionarios dominaram a guarnição romana e Florus, procurador da Judeia, foi obrigado a deixar a cidade. Agripa, o rei judeu, tentou entender-se com os revolucionários para submeter os romanos, mas não conseguiu. Decidiu-se então a apoderar-se do Templo pelas armas, esperando desta forma esmagar a revolução.

Depois de varias batalhas entre o exercito do rei e os revolucionarios, estes ultimos ajudados pelos sicarios, foram vencedores e Agripa teve que evacuar a cidade.

O chefe dos sicarios era Menahem, filho de Judah da Galileia, fundador da seita. Ele tinha ajudado muito os revolucionarios a lutarem contra Agripa, mas não lhe bastava ter simplesmente sacudido o jugo dos romanos. Os sicarios queriam agora fazer uma revolução economica e social conforme as suas ideias.

Os sicarios mataram o grande-sacerdote Ananias (pai de Eleazar, chefe do partido revolucionario), que eles julgavam tão perigoso como o governo romano. Queimaram os palacios reais e os edificios onde se guardavam os registos dos prestamistas de dinheiro, a fim de impedirem a cobrança das dividas. Joseph diz que os sicarios destruíram os palacios com o fim de crearem uma legião de devedores reconhecidos e de levantarem os pobres contra os ricos.

Parece mais verosimil que eles não só queriam agrandar ás massas mas tambem liberta-las do jugo dos ricos, isto é, crear a igualdade entre os homens, fim da seita da Quarta Filosofia.

Eleazar e os seus companheiros, que tinham

preparado a revolução, não estavam dispostos a deixar os seus rivais colherem os produtos dela. Eleazar allou-se com os elementos conservadores a fim de combater os radicais, isto é, os sicarios. Numa batalha em que vieram ás mãos os partidarios de Eleazar e os sicarios, Menahem foi morto assim como muitos dos seus. O resto teve que fugir da cidade e refugiar-se na fortaleza de Massadah sob o comando de Eleazar, filho de Yair, parente de Menahem. Assim a revolução radical não teve sucesso e afundou-se logo no seu inicio. Aparentemente o povo não estava aludado pelo gasto pela guerra civil e não estava disposto a grandes mudanças. Desta forma foi facil ao governo provisório da Judeia, dirigido por Eleazar, filho de Ananias, esmagar a revolução no berço. Mas, mais tarde, quando a guerra civil tomou o seu pleno desenvolvimento, o poder dos sicarios aumentou. É interessante notar que, na revolta dos elementos moderados contra o exercito de Agripa, eles foram ajudados pelos radicais, enquanto que mais tarde, durante a repressão do levantamento radical, os conservadores juntaram as suas forças ás dos revolucionarios moderados.

Joseph acusa Menahem de ter sido um assassino ávido de ditadura. Mas como Joseph denuncia indistintamente todos os chefes comprometidos na guerra contra os romanos, nós podemos supor que Menahem não era movido pela ambição egoista de dominar os seus concidadãos e tambem que não era um assassino. Era antes um demagogo, um condutor de multidões, que procurava impôr as suas vistas a todas as classes. Para ele o fim era tudo, não lhe importando os meios. Fosse o que fosse, no espirito popular, Menahem ficou como um patriota ideal. Isto explica talvez a crença que se encontra no Talmud, que o Messias se chamaria Menahem e seu pai Hezekiah.

Os herodianos e os conservadores que tinham combatido ao lado de Eleazar a fim de esmagar o levantamento radical, receavam que a revolução se estendesse a todo o país. Por isso mandaram uma mensagem a Cestius, governador da Siria, pedindo-lhe para vir á testa dum exercito, pôr fim á rebelião. Eles preferiam sacrificar a sua liberdade e submeterem-se aos romanos do que permitirem que os radicais alcançassem o poder e destruissem o país.

A expedição de Cestius, no outono de 65 terminou por um desastre. Esta vitória judaica sobre os romanos derrubava a dominação romana assim como a dos herodianos. Um novo governo foi estabelecido. A sua testa estava o grande-sacerdote Anan, na qualidade de presidente; Simon, filho de Gamaliel, filho seu, tornou-se vice-presidente. Alguns nobres e membros da familia real, que não se julgavam em segurança em Jerusalem, fugiram e juntaram-se ao exercito romano. Foram os primeiros emigrantes. Este governo, preparando a guerra contra os romanos, concedeu todos os postos importantes aos elementos conservadores.

A provincia da Galileia, a mais importante para a protecção de Jerusalem do lado do norte, foi confiada a Joseph. Os chefes da revolução, que tinham mostrado a sua actividade na luta contra Cestius, foram deixados de lado.

Eleazar, filho de Simon, e até Eleazar, filho de Ananias, que tinham verdadeiramente sido a alma da revolução no seu começo, receberam postos sem importancia. Este elemento democratico, pouco satisfeito com a politica do governo, a quem acusava de conduzir sem convicção a guerra contra os romanos, organisou um novo partido, o dos zeladores, sob a

direcção de Eleazar, filho de Simon. Perdiu a demissão do governo, que não gosava da confiança do povo para a continuação da guerra contra os romanos.

Os zeladores insistiam para que o grande-sacerdote não fosse o chefe do governo e que se limitasse a exercer as suas funções no Templo; por outras palavras, eles pediam a separação da Igreja e do estado. O governo, diziam eles, devia ser confiado a um senado, a um Sanhedrin de 70 homens, eleitos pelo povo.

Os zeladores, não tendo força para derrubar o governo, formaram um partido da opposição. Este estado de coisas continuou até ao verão do ano 68. quando refugiados chegaram da Galileia com a notícia da derrota do exercito judaico, devida á traição dum representante do governo, de Joseph, que gosava liberdade no acampamento de Vespasiano.

Os zeladores, que tinham affirmado que se não podia confiar no governo a direcção da guerra, acharam nisto uma occasião para apelar para o povo.

Alem disto, um refugiado, João de Giscalah, que era um guerreiro famoso e que tinha combatido Joseph na Galileia, tinha sido admitido no conselho do Governo á sua chegada a Jerusalem. Depois da primeira sessão, ele avisou os zeladores que o governo tinha resolvido entregar Jerusalem aos romanos. Uma grande excitação se manifestou nas massas; desconfiado das proprias forças, estes elementos resolveram pedir auxilio aos Idumeus, e, com a sua ajuda, derrubaram o governo. Ananiah, o presidente, assim como os seus colegas, foram mortos pelos revolucionários.

Um novo governo, composto de 70 homens eleitos pelo povo, foi instaurado, como o diz Joseph: «Eles reuniram por proclamação pública 70 dos principais do povo» (Guerra dos judeus, IV, V, 3). A fim de separar a Igreja do Estado e de illminar a influencia dos padres, resolveram que qualquer padre designado pela sorte podia desempenhar o officio de grande sacerdote.

Peusavam assim destruir a grande influencia exercida sobre os judeus pelo grande sacerdote, e, ao mesmo tempo, a religião em geral. Profanaram o Templo; Joseph acusa-os disso. Acusa-os tambem de terem abolido o antigo sistema judicial e de ter instituido, em seu logar um novo Tribunal—o Tribunal Revolucionario—sustentando que todo o cidadão podia ser juiz, sem preparação, nem autoridade especial «... os zeladores instituiram julgamentos e tribunais irrisorios... desempenhando, como num jogo, o papel de juizes, sem terem autoridade para isso.» (Guerra dos judeus, IV, V, 4).

O novo governo, formado pelos zeladores, estabeleceu um regimen de terror contra todos os que sympathisavam com o antigo governo ou que communicavam com os emigrados. Foi verdadeiramente o *reinado do terror*. Esforçavam-se particularmente de destruir a nobreza, como diz Joseph: «eles tinham sede sobretudo de sangue dos bravos e dos nobres, massacrando estes ultimos por inveja...» (Guerra dos judeus IV, VI, 1).

Joseph declara que o relato de João é mentiroso. Parece-me que se pode pôr em dúvida a palavra de conhecendo o grande patriotismo de João e a sua defesa heroica da Galileia contra os romanos. Joseph o seu patriotismo deve tê-lo inclinado a dizer a verdade.

O proprio Joseph admite que se Ananiah, chefe do governo, tivesse vencido, chegaria a um acôrdo com os romanos. «Ele comprehendia perfeitamente que

os romanos não podiam ser vencidos.» (Guerra dos judeus IV, V, 13).

A psicologia do governo comprehende-se facilmente. Depois do desastre de Galileia, tinha-se perdido toda a esperanza de bater os romanos e, tendo a difusão das ideias extremistas na Judeia, o governo estava pronto a sacrificar algumas liberdades e a entender-se com os romanos. Julgava poder assim desembaraçar-se dos revolucionarios. Os zeladores qualificavam de *traição* o acto do grande-sacerdote.

João de Giscalah, que tinha derrubado o antigo governo, partilhava a vista dos zeladores relativamente á luta contra Roma, mas não a sua maneira d'encarar o organisação interior, nem particularmente os seus meios de conduzir a guerra.

Nascido para comandar, comprehendia que a unica maneira de ganhar a guerra contra a potencia militar de Roma era confiar o poder a um só homem, a um ditador. Os zeladores temiam toda a ditadura, por um lado e por outro receavam muito que João quizesse estabelecer uma monarchia. (Guerra dos judeus, IV VII, 1).

Foi o começo duma guerra civil entre os dois partidos: os zeladores sob o comando de Eleazar, filho de Simon e os partidarios de João.

Eleazar, impotente para destruir as forças de João, pediu auxilio aos sicarios, conhecidos pela sua opposição a toda a soberania. Com a chegada dos sicarios, sob o comando de Simon, filho de Giscalah, a guerra civil tornou-se ainda mais furiosa. Os sicarios, inimigos de João, tambem não estavam satisfeitos com os zeladores, que não eram bastante radicais. Assim se travou a grande guerra civil de Jerusalem, que conduziu á destruição da cidade e ao incendio do Templo.

Com a conquista de Jerusalem pelos romanos, a seita da Quarta Filosofia foi destruida e ela nunca mais reapareceu entre os judeus. Os fariseus que formavam o gróssio da nação, retiraram-se para Jamniah e collocaram o Judaismo em bases solidas, e fizeram dele o organismo vivo que persistiu até aos nossos dias.

Os revolucionarios politicos não renunciaram de nenhum modo ás suas esperanças. As brazas ainda quentes inflamaram-se numa nova conflagração sob o reinado do Imperador Adriano; ela levou os judeus a uma maior ruina ainda.

Os apocalipticos que não tinham tido adherentes antes da Revolução, dividiram-se, durante o seculo que prendeu a destruição do Templo, em varias facções. A principal foi a dos cristãos, que julgavam ter vindo o Messias na pessoa de Jesus de Nazareth, crucificado sob Poncio Pilatos para reaparecer um dia em toda a sua gloria e julgar o mundo.

Os cristãos dividiam-se em cristãos judeus e cristãos gentios. Estes ultimos eram internacionalistas, que admitiam que aquele que acreditasse em Jesus seria salvo. Os cristãos, que partilhavam, respeitante á igualdade dos homens, os principios dos sectarios da Quarta Filosofia, distinguiram-se de estes pelos metodos que empregavam para chegarem aos seus fins. Durante a Revolução, enquanto o espirito nacional judaico attingia a sua maior intensidade, estes cristãos pacifistas pregavam a não-resistencia e refugiaram-se em Pelah para salvarem as vidas.

Depois da conquista de Jerusalem pelos Romanos e o incendio do Templo os judeus ficaram impotentes sob a tirania dos seus opressores pagãos.

A consequença psicológica disso foi que, como um individuo, a nação esperava um socorro sobrenatural. Porisso as ideias crisiãs se tornaram mais populares e os seus adeptos mais numerosos. Vencidos pelos romanos, os judeus levaram consigo as suas ideias para outros logares, enquanto os cristãos, internacionalistas, que não tinham tido grande successo entre os seus correligionários da Judeia, ganharão popularidade entre os pagãos e acanharam por conquistar a Roma pagã.

FIM

(Extracto dum estudo do Prof. Salomon Zeitlin, de Filadelfia).

Dos 4 cantos da Terra

Polonia—A Camara Municipal de Varsovia resolveu dar o nome do Dr. Zamenhof, creador da lingua esperanto, a uma rua daquela cidade.

Hungria—Pela primeira vez a Universidade de Budapest aceitou uma tésede doutoramento escrita em hebraico. Trata-se dum estudo sobre o Livro de Esther, apresentado por um aluno da Escola Rabinica, Paul Hirshler, que recebeu a menção «summa cum laude».

Estados Unidos—Durante este ano entraram nesta nação 11.526 imigrantes judeus.

Argentina—Entraram neste paiz 3 829 imigrantes judeus durante o primeiro semestre de 1930.

Belgíca—Foram solenemente inaugurados os novos edificios da Yeshibah (nstituto Teologico) de Antuerpia. Esta Yeshibah tem o nome de Shaaré Torah e é seu director honorário o Rabbi-mór M. Amiel e director efectivo o sabio Talmudista Kaplansky.

Marrocos—Faleceu em Tanger a m.elle Preciada Nahon pertencente a uma familia muito estimada. Esta gentil menina demonstra já ser uma pintora de talento e sentimento quando a morte a arrebatou. Pensa-se em fazer uma galeria com os quadros da sua autoria.

Austria—O premio Nobel em Medicina foi este ano concedido ao nobso correligionário Prof. Landsteiner, da Universidade de

Viena bacteriologisia eminente, que se tornou celebre pelo seus estudos sobre o sangue humano.

Publicou um grande numero das suas obras de medicina são tidas como de autoridade.

Checo-slovaquia—Max Brod, celebre escritor judeu obteve o 1.º premio literário deste ano com o seu romance «Reuben, príncipe dos judeus».

Une Synagogue s'élève à Porto

Com este titulo, acompanhado por uma gravura representando a sinagoga em construção nesta cidade, Unvers Israelite publica o seguinte artigo dum gentil judia, que tivemos a honra de receber na nossa comunidade:

Ce n'est pas sans un joyeuse émotion que j'ai contemplé cette modeste photographie du temple de Porto vient de m'envoyer le capitaine Arthus Carlos de Barros Basto.

L'image de son «rêve de pierre», grandiose quoique inachevée, est saisissant pour ceux qui, à mon exemple, ont flâné sur les rives du Douro, parmi les ruines évocatrices de l'Inquistiers juifs, dont l'une des synagogues est convertie en église et dont l'autre n'est que décombres.

L'automne dernier, guidée par l'«Apôtre des maranes», j'explorais ainsi ce passé archéologique, ce tombeau de souvenirs douloureux et pleins d'iniquité. Mais au sortir des rues, des murailles oppressantes, dont la poussière même semble imprégnée de misère, le capitaine de Barros Basto me conduisit vers l'avenir, vers la lumineuse *Rua Guerra Junqueiro*, où s'élevaient les assises du futur sanctuaire. Et, comme je m'inquiétais de cette construction à peine ébauchée, interrompue pour des causes financières « Ne craignez rien, l'argent viendra », assura le capitaine.

Son sourire était l'expression de confiance et son éloquence fut telle qu'elle

te propagea jusqu'à Paris. Sa foi n'a pas soulevé seulement les montagnes, elle les a franchies. Elle a touché quelques généreux donateurs pour qui les Juifs retrouvés du Portugal sont des frères d'âme. Et, grâce à un important envoi de subsides, les maranes ont pu célébrer Kippour, non plus dans une humble chambre blanche à la chaux, mais dans cette synagogue, «Source de Vie», dont la façade et une partie sont terminées.

Et, malgré l'indifférence, le septicisme, de certains de nos coreligionnaires, qui se terrent dans l'ombre et l'oubli, la résurrection d'Israel au Portugal s'affirme en jour. Le temple de Porto est un témoignage de la liberté de conscience, une revanche de la pensée opprimée. C'est, une fois de plus, pour ceux qui connaissent un peu l'histoire du peuple élu, lourde d'aberrations, de contamination païenne et de reniements, le triomphe de son dogme pareil à ces murs d'une pureté immatérielle reflétant la lumière.

LILY JEAN-LAVAL.

Nova viagem de instrução por terras de cripto-judeus

No dia de Novembro deste ano de 1930, vindos de Porto, chegaram a Bragança o Sr. Barros Basto, director do Instituto Teologico Israelita do Porto, acompanhado dum dos seus discipulos o Talmid Yomtob Rodrigues. Na estação aguardavam a sua chegada o Sr. Capitão Jaime Borges, dignissimo Presidente do Comunidade Israelita de Bragança e numerosos judeus maranos daquela cidade. Trocados vários cumprimentos os viajantes dirigiram-se para o Hotel, sendo saúdados durante o trajecto por vários judeus bragançanos.

No dia seguinte, enquanto o Talmid Rodrigues ficava em Bragança ensinando, na séde da Comunidade, rudimentos de judaismo e leitura hebraica, o Sr. Barros Basto acompanhado pelo Sr. Capitão Jaime Borges seguiram de automovel para Miranda do Douro.

Nesta cidade foram recebidos pelos judeus maranos os Snrs. Manuel Furriel, digno administrador do Concelho e professor José Antonio Ruano, com os quaes conferenciaram.

De Miranda seguiram para Vimioso, onde foram amavelmente recebidos pelo Sr Arnaldo Lopes, digno administrador do Concelho que ficou encarregado de promover a ligação entre todos os judeus maranos de Vimioso, Carção e Argozêlo, povoações estas onde existem numerosos cripto-judeus.

A' noite regressaram os dois capitães a Bragança.

A's 9 horas da noite a séde da Comunidade bragançana estava repleto de homens, mulheres e creanças. A' entrada do Mensageiro do Resgate algumas meninas lançaram sobre ele petalas de flores. Momentos depois o Talmid Yomtob Rodrigues, do Instituto Teologico do Porto, vestindo a alva, subiu para a Tebah, onde começou a officiar na velha lingua santa. Finda a oração subiu á Tebah o Mensageiro do Resgate que tomando como base os 13 artigos da fé fez uma calorosa apologia do Judaismo e encorajou os cripto-judeus presentes a que deixassem de praticar a duplicidade religiosa por desnecessária e injustificada na época presente. Durante a sua prática foi o orador eslutado com emoção pelos assistentes.

No fim várias pessoas cumprimentaram o orador e o jovem Talmid (o padrezinho judeu, como lhe chamavam)

No dia seguinte o Mensageiro do Resgate seguiu para Mirandela, Valpaços e Chaves. Em Valpassos foram gentilmente recebidos pela familia Pimentel, que ficou de agregar a si os demais elementos da vila, constituindo um nucleo (judeo-marano).

De Chaves os viajantes visitaram Rebordelo onde foram galhardamente recebidos pela familia Gaspar e conferenciaram com vários elementos.

Em Chaves depois de várias demarches ficou constituído um nucleo judeo-marano sobre a presidência do Sr. Tenente J. A. Nunes.

No regresso ao Porto os viajantes conferenciaram na Estação de Vila Rial com o presidente e secretário do nucleo judeo-marano daquela cidade.

Graciosa Homenagem

No dia 18 de Dezembro para comemorar o aniversario natalicio do Sr. Capião Barros Basto, os Talmidim (seminaristas) da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teologico Israelita do Porto) resolveram organizar uma festa de homenagem ao seu Director.

Ea noite desse dia os Talmidim foram a casado nosso Director saudando-o entoando cantos hebraicos e convidaram-no a ir à Yeshibah. Na sala principal do Instituto, que se achava engalanada com colchas de damasco e bandeiras sionista, portuguesa, francesa, inglesa e norte-americana realizou-se o sarau com o seguinte programa:

Ha-Tikvah (Hino Nacional Judaico), cantado em hebraico pelos Talmidim e acompanhado a orgão por Mlle Broustein.

Terminado o hino que foi ouvido de pé pela assistência, o Talmid Levi Rafael Heuriques, de Belmonte subiu á tribuna e dirigindo-se ao Sr. Capitão Barros Basto, proferiu as palavras seguintes, plenas de emoção:

«Ex.^{mo} Snr. Capitão:

Não podem os judeus portugueses esquecer que V. Ex.^a quem atravez de todas as dificuldades e de todos os sacrificios suportando tantos dissabores e tantas malquerenças nos ligou de novo, e nos mostrou que publicamente podemos patentes a nossa fé. Foi V. Ex.^a que nos procurou aqui, e ali despertos, cheios de medo, ainda de que voltassem êsses tristes tempos em que os nossos avós foram perseguidos e torturados, para nos dar a boa nova de que em o nosso Portugal outra aurora raiava, e ao calôr dela nós podiamos aquecer, sem receio. Foi V. Ex.^a pelo seu esforço, e pelo seu acrisolado amor ao povo sacrificado, pela sua crença em Adonai, ao nosso bom Deus, ergueu estes muros, onde temos a Arca Santa, onde veneramos a Santa Lei de Deus. Em nome pois dos meus companheiros, destes a quem V. Ex.^a tributa desvelado affecto e ministra a instrução que nos fará amanhã continuadores da obra dos nossos antepassados, pregadores intemeratos da Lei de Moisés, em nome destes seus

filhos adoptivos, venho pedir a V. Ex.^a que nos aceite esta pequenina festa como penhor da nossa profunda gratidão. E' pequenina, é modesta mas foi o nosso coração que a fez, e por isso é cheia de sinceridade, e de amor.

Ex.^{mo} Snr. Capitão:

Que V. Ex.^a assista por muitos anos a festas como a que hoje lhe dedicamos, e que todos os judeus portugueses lhe agradeçam como nós o bem que lhes tem feito, é o que pedimos ao bom Deus de Israel.»

Terminada esta saudação com uma salva de palmas, o Talmid Yomtob Rodrigues recitou em hebraico Azor-I akhaberekha (do Talmud) e o Talmid Judah Benjamim Branco recitou a sua tradução em lingua portuguesa.

Egoismo infantil, poesia dita por Elieser de Sousa Chicha, de Penamacor; Amel e Penor, por Tobiah Diogo, de Belmonte; Sofrimentos, por Joseph Lopes; Boas-noites, por Johanan Santos; A casa do coração, por João Lopes, de Bragança. Todos foram muito applaudidos.

Então foi cantada Ha-Tikvah em português pelos Talmidim.

Findo este canto o veneravel Rabbi Barud Ben-Jacob subiu á Tribuna e produziu um belo darush em lingua sephardy (Judeo-iberica) associando-se á festa salientando o esforço do homenageado que comparou a Judah Macabeu.

Então o capitão Barros Basto proferiu palavras de agradecimento e incitou os presentes a que sempre celebrassem com brilho a festa de Hanukah, que tratando-se duma restauração deve ser para os maranos a festa predileta pois tambem pelas suas vontades se restaura em Portugal o culto da Suprema Unidade. Em seguida o homenageado abraçou os Talmidim enquanto a assistência o cobria de applausos.

Terminou a festa com um chá elegante servido na sala da aula pelas gentis damas da Comunidade bem como um Porto d'honra onde se trocaram amaveis brindes.

Foram recebidos numeros telegramas de felicitações enviados por judeus maranos de Bragança, Porto, Covilhã, Belmonte, e Penamacor e Coimbra.